



FUTSAL: REFLEXÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS SOBRE O PROCESSO DE ENSINO EM CATEGORIAS DE BASE

Júlio César Couto de Souza

Mestre em educação física - UFSC

Lucas Barreto Klein

Professor de educação física - UFSC

Paulo Ricardo do Canto Capela

Mestre em educação - UFSC

RESUMO

O texto relata um estudo feito a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre algumas questões do âmbito didático-pedagógico para as categorias de base de futsal, com a intenção de fortalecer os laços que unem a prática do treinador/educador com conceitos advindos das ciências da educação, por meio de um olhar que busque superar a interpretação cartesiana/mecanicista referentes aos processos de ensino, aprendizagem e treinamento de jovens atletas.

Palavras-chave: *Categorias de Base. Futsal. Mecanicismo.*

ABSTRACT

The paper reports a study from a literature search on some questions of didactic and pedagogic framework for the basic categories of futsal, with the intention of strengthening the Ties That Bind the practice of the trainer/educator with concepts allied sciences education through the gauze That Seeks To Overcome The Interpretation Cartesian/mechanistic processes related to teaching, learning and training of young athletes.

Keywords: *Categories of Base. Futsal. Mechanism.*

RESUMEN

El trabajo presenta un estudio de una búsqueda bibliográfica sobre algunas cuestiones del marco didáctico y pedagógico para las categorías básicas del fútbol sala, con la intención de fortalecer los lazos que unen a la práctica del entrenador/educador con los conceptos de las ciencias de la educación a través de una mirada que busca superar la interpretación cartesiana/procesos mecánicos relacionados



con la enseñanza, el aprendizaje y la formación de los jóvenes deportistas.

Palabras clave: *Categorías de Base. Fútbol Sala. Mecanismo.*

I. Introdução

O presente artigo tem como objetivo refletir a respeito de temas das categorias de base de futsal no Brasil. A pesquisa surgiu nos encontros semanais do grupo de estudos de futebol, da Universidade Federal de Santa Catarina, GECUPOM/FUTEBOL¹, a partir da problematização das tradicionais formas de organizar pedagogicamente o treino de futsal em categorias de base.

Os profissionais que conduzem o processo de formação nesta modalidade preocupam-se mais com as dimensões técnico-instrumentais capazes de levar os atletas a performances de excelência, do que fazer perguntas originais sobre quem são os sujeitos que se submetem as longas sessões de treinamentos.

Poderia haver outras formas de organizar o ensino do futsal para jovens e crianças nas categorias de base? Qual a concepção epistemológica que estrutura as tradicionais formas de ensino das escolas de base? Existiriam outros horizontes para ordenar as diferentes funções do ensino do futsal em categorias de base?

Estas questões que anunciamos foram tratadas no processo de realização desta pesquisa de caráter bibliográfico, desta forma, acreditamos que o diferencial se dá pela construção de laços entre as ciências da educação e os métodos de treinamento, tendo em vista que mesmo em um espaço rígido de formação de atletas é possível fazer educação.

Afinal, o que é ensinado aos jovens atletas faz parte de um processo formativo/educativo de longo prazo, e os treinadores de futsal em categorias de base tem o dever de apresentar uma educação que vá além dos princípios básicos dos aspectos motores, das regras, técnicas e táticas, proporcionando uma formação ampla de seus alunos/atletas. Este é um pensamento que deve ser levado não somente para as escolas, mas também para clubes e associações.

II. Um breve ensaio sobre a modalidade futsal

O futsal surge como um jogo cultural, em meados do século passado, na América do Sul. Há uma polêmica quanto a sua origem ser no Brasil ou no Uruguai, mas este não é o ponto relevante que nos ateremos, o fato concreto para nós é que a modalidade, em seu processo histórico, tornou-se um importante esporte coletivo, o que nos fez pensar em como ele tem sido ensinado a jovens e crianças.

A crescente popularização do futsal, aliada a fatores econômicos, políticos e culturais, colaborou para o aumento do número de escolinhas de ensino e de categorias de base no país. Paralelamente a isto, iniciaram-se discussões a respeito dos planejamentos didático-pedagógicos da modalidade, nos quais os sujeitos passaram a ser entendidos dentro de um contexto de formação. Sendo assim, o Brasil deixou de

¹ Grupo de Estudos em Cultura Popular de Movimento/Futebol, vinculado ao Vitral Latino Americano de Esporte e Lazer da Universidade Federal de Santa Catarina.



revelar apenas jogadores que aprendem a jogar na rua e nos campos de várzea e passou a ser celeiro de atletas formados também por meio de rotinas, em sessões de aulas e treinamentos.

Dentro das categorias de base de futsal, que em alguns lugares chega a envolver crianças e jovens de 5 a 20 anos de idade, existem diversas competições em níveis regionais, nacionais e até internacionais. Sabendo disto, é fácil perceber que estes atletas passam em seu processo de formação por inúmeras situações que exigem cargas emocionais muito grandes, isso devido às exigências técnicas, táticas, físicas e psicológicas, das ações de jogo. Além destas exigências, há ainda as cobranças das famílias e dos treinadores para que os jovens e crianças respondam com vitórias.

Em nossa pesquisa, buscamos subsídios para inserir da melhor maneira possível os sujeitos (atletas e treinadores) neste processo constante de formação educacional.

Para que os caminhos que são percorridos por este meio ajam como um auxiliar da formação esportiva e humana, os profissionais responsáveis por estes atletas em formação devem tentar fazer da prática de ensino, que muitas vezes é constrangedora e estressante, algo que vá além dos princípios básicos que envolvem um processo de formação educativa.

A preparação para tudo isto acontece no dia-a-dia, nas sessões de treinamento, que podem variar de 2 a 6 vezes por semana e com volumes de 45 minutos a 2 horas. Percebe-se que estes atletas passam bastante tempo vivendo esta realidade, portanto, a forma que o treinador irá conduzir o seu treinamento será determinante para definir quais caminhos que serão percorridos. Por isso, ele precisa saber que está lidando com jovens e crianças que possuem diferentes culturas e diferentes expectativas para a sua aprendizagem, e não com atletas consolidados. A leitura desta realidade educacional é um passo importante para compreender o processo de formação como um momento de aprendizagens, e não apenas de cobranças sobre *performances*.

A formação na modalidade futsal vem sendo influenciada por diversas correntes de pensamento que fundamentam a prática dos treinadores. Inicialmente os modelos de ensino da modalidade eram derivações de esportes individuais, como o atletismo e a natação. Posteriormente, os métodos de ensino, utilizados nos esportes individuais, foram incorporados pelas modalidades coletivas, entre elas o futsal, através de transposição direta, sem que fossem levadas em consideração às especificidades estruturais dos esportes coletivos. Uma das consequências mais evidentes desta “cópia” de idéias, tem sido a obsessão pelo aspecto do ensino centrado na fragmentação do jogo e dos conhecidos fundamentos técnicos (passe, chute, condução, etc.).

Há pontos positivos e negativos nestas concepções de ensino, mas, existem alguns fatores que precisam ser pensados, pois o sujeito (aluno) não é tratado como eixo central do processo de ensino-aprendizagem, e o modelo de pensamento analítico é quem determina as ações pedagógicas. Isto é pouco tratado na pedagogia do ensino do futsal, e em nosso ponto de vista, precisa ser refletido dentro do campo pedagógico da formação esportiva.

III. A visão cartesiana sobre a pedagogia do treino: tentativas de superação

Apresentaremos algumas discussões a respeito do modelo de ciência cartesiano/mecanicista de ensino, dominante dentro da pedagogia esportiva, além de buscarmos compreensões sobre o conceito de Movimento Humano e práticas pedagógicas que busquem superar esta visão dualista de Homem e mundo.

A concepção cartesiana, presente hegemonicamente na pedagogia esportiva, define o conceito de Movimento Humano de uma forma bastante simples e objetiva, pois ele é visto como um fenômeno



puramente físico, passível de ser reconhecido e esclarecido. Esta visão determina ainda que o movimento seja algo independente, inclusive, do próprio sujeito que o realiza, e a partir de conceitos caracterizados principalmente pelas leis da mecânica clássica, este movimento passa a ser compreendido e interpretado, simplesmente, como um deslocamento do corpo ou partes deste, em um tempo e espaço previamente determinados.

A correlação existente entre tempo-espaço em que se efetua o movimento passa a ser o ponto de referência para esta interpretação de Movimento Humano. As ciências do treinamento esportivo se apropriaram destes conceitos, utilizando-se de instrumentos de medidas tais como: fitas métricas, cronômetros e outros, para quantificar, esclarecer e comparar o movimento, seguindo uma lógica disciplinar de padronizações técnicas.

Mas, esta abordagem de investigação e interpretação científica não consegue abranger toda a realidade do Movimento Humano, pois deixa de lado diversos aspectos influenciadores da aprendizagem, como por exemplo, a percepção, as emoções e os sentimentos, já que estes não podem ser medidos e/ou quantificados pelo método de descrição analítica.

Além disso, esta interpretação não proporciona ao sujeito que realiza o Movimento uma compreensão/significação do mesmo, este fenômeno é facilmente percebido nos processos de ensino-aprendizagem das destrezas técnicas do jogo, onde é necessário que se automatize gestos motores orientados por uma intencionalidade que, em muitas vezes, somente o treinador conhece, ou seja, o atleta aprende determinadas ações técnicas e táticas, sem saber nem o porquê e nem a finalidade delas.

Nesta visão, onde ocorre à fragmentação dos processos de ensino, retiram-se os gestos técnicos (passe, chute, drible, etc.) do jogo e os ensinam de maneira abstrata e descontextualizada, através de repetições idênticas, afetando assim as capacidades de decisão, criatividade e a variabilidade gestual dos alunos. O jogo como um todo é realizado muitas vezes como uma recompensa pelo bom desempenho individual (BAYER, 1994).

Desta forma, as técnicas surgem como um pré-requisito para o desempenho, sintetizando o conceito máximo destas metodologias: o aprender *para* jogar (GRECO, 1995).

Nesta abordagem do ensino dos esportes, onde há padronizações de destrezas técnico-motoras perfeitas, acredita-se que o melhor treinador será aquele que dominar os movimentos exigidos pelo jogo, pois ele atua como um modelo a ser seguido por seus atletas. O processo pedagógico, baseado na imitação do “modelo correto” de execuções padronizadas de movimentos, acaba colocando o treinador/educador como o foco central de todo o processo de ensino (SCAGLIA, 2010).

A concepção pedagógica mecanicista tem como objetivo, então, apresentar reproduções de movimentos a partir de repetições exaustivas e descontextualizadas, cujo objetivo está em automatizar gestos técnicos tidos como necessários ao bom desempenho no jogo, e desta maneira formar alunos/atletas que reproduzem movimentos de forma mecânica.

O que resta a estes atletas é procurar se adaptar às exigências que são impostas pelo treinador sem questionamentos e reflexões, ou seja, este método de ensino impede os atletas de pensarem a prática de suas experiências de aprendizagem.

Esta interpretação técnica de Movimento Humano tem contribuído, ainda, segundo Kunz (2001, p.165), “para a formação/informação do ‘Sentido Comparativo²’ do Movimento Humano”.

² O sentido comparativo de Movimento Humano é típico dos esportes normatizados, cujo único objetivo é o rendimento, a competição e a vitória.



Porém, existem outras funções que podem e devem ser cumpridas pelo movimento no ensino dos esportes, tais como, o sentido comunicativo³, o expressivo⁴ e o criativo⁵ (KUNZ, 1989).

Estas idéias possibilitam a reflexão sobre a importância da valorização do sujeito que realiza tais movimentos, deixando um pouco de lado aqueles aspectos disciplinares e o movimento visto como algo puramente físico, abrindo um olhar para uma interpretação integral deste Movimento Humano ao nível de uma formação/construção teórica que vise atingir o contexto da totalidade (KUNZ, 2001).

É neste momento que a pedagogia esportiva da educação física deve passar a não ver mais o sujeito (aluno/atleta) como um objeto a ser moldado, agora é preciso compreendê-lo como um ser que pensa, que age e que possui sentimentos. Mas, esta outra forma de interpretar o processo educativo-formativo passa por diversos aspectos que são inerentes ao ensino, e um deles é a maneira de agir do treinador/educador, pois, ele é um dos principais responsáveis por mediar o processo de formação de seus atletas.

IV. A ciência educacional como apoio pedagógico ao treinador/educador

Uma abordagem pedagógica que busque ser diferente do modelo de treinamento apresentado anteriormente considera que educadores e educandos sejam sujeitos pensantes e construtores de conhecimento, na medida em que eles não atuam apenas como reprodutores do modelo já existente; nesta perspectiva de educação, é possível recriar e transformar os sujeitos envolvidos no processo (FREIRE, 2008). Mas, para pensar o ensino em sua totalidade, é necessário saber quais os caminhos que devem ser percorridos. Neste sentido, a proposta a ser apresentada é a de lançar algumas questões a respeito do tipo de sujeito que se quer formar dentro de um projeto educacional e da atuação didático-pedagógica do treinador/educador no decorrer deste processo.

A idéia aqui é possibilitar que os atletas possam ter liberdade criativa e que sejam instigados a contribuir com a construção da sua prática educativa. Além de fundamentarem-se também nos desejos e nas necessidades de aprender dos mesmos.

Para isso, eles devem ser compreendidos em sua totalidade de ação e pensamento, pois nesta proposta não há espaços para separar a compreensão dos sujeitos de forma dualista (corpo/mente), como é feito na concepção cartesiana/mecanicista.

Um treinador/educador que esteja comprometido com a idéia de contribuir na formação de um sujeito que pensa enquanto faz, e não simplesmente reproduz aquilo que lhe é transmitido, deve ter muito claro em sua metodologia algumas questões referentes à sua maneira de agir no dia-a-dia.

Primeiramente, precisa saber que na relação com os atletas, ele será considerado um modelo a ser seguido, pois se sabe que a aprendizagem, em alguns momentos, é fielmente baseada na imitação e na cópia. Mas, os atletas não devem aprender apenas através de imitações, a proposta é que eles possam criar e inventar. Para tanto, é preciso que o treinador possibilite que seus atletas o vejam como um modelo de

³ O sentido comunicativo manifesta-se especialmente em gestos com a finalidade de expressar alguma intenção. Nos esportes, ele se expressa especialmente nos jogos coletivos, onde a ação de impedir um ataque adversário pode realizar-se apenas pelo sentido comunicativo do movimento, iniciado por um, ou mais elementos do grupo.

⁴ O sentido expressivo se manifesta especialmente pela expressão das emoções, pela própria expressão corporal, como um meio de manifestação dos sentimentos.

⁵ O sentido criativo, parte da idéia de que o movimento não é algo fechado, o aluno, em processo de aprendizagem, deve ter liberdade para criar a partir de situações, de acordo com seus desejos.



inspiração, desta maneira é possível que eles construam sua autonomia de agir e pensar, conforme seus princípios.

O educador ensina seu aluno a pensar, e ele ensina a pensar pensando, sistematizando e apropriando-se do seu saber pedagógico. Desta forma, o pensar passa a ser o 'eixo central da aprendizagem'. Mas somente pensar não é o suficiente, o educador deve buscar o ensino também através do agir. Assim, podemos trabalhar na formação do aluno que seja consciente do seu fazer (FREIRE, 2008).

Sendo assim, o treinador/educador deve atuar como um *leitor, escritor e pesquisador*, responsável em fazer *ciência da educação*, um exercício metodológico rigoroso e sistematizado de observação, registro, reflexão, avaliação (reavaliação) e planejamento (replanejamento) (FREIRE, 1996).

Estes eixos educacionais fundamentam também a prática que buscamos superar, o diferencial está na interpretação didática dada a estes princípios.

Para deixar mais claro esta idéia, apresentaremos a seguir um quadro comparativo (elaborado pelos pesquisadores) entre os olhares dados para os princípios e movimentos que foram citados e serão ainda discutidos.

Quadro 1: Comparativo entre duas abordagens de ensino sobre os instrumentos que alicerçam a prática do educador.

	Visão cartesiana/mecanicista	O ensino como um todo/centrado no sujeito
Observação	Direciona o olhar para uma pequena parte, para desta forma, tentar compreender o todo.	Olha o processo de ensino e o sujeito como um todo, fazendo leituras daquilo que é necessário tanto para o desenvolvimento, quanto para a aprendizagem.
Registro/Reflexão	Registra-se para classificar os sujeitos de forma quantitativa, e a reflexão que se faz é em cima de comparações sobre os níveis de desempenhos individuais.	Descreve os porquês do ensino, criando reflexões sobre os caminhos que o processo vem percorrendo e os limites e possibilidades de cada sujeito.
Avaliação	É restrita e quantitativa, pois consegue enxergar somente aquilo que é dado no momento da avaliação.	É qualitativa, e serve para avaliar a aprendizagem dos educandos, o desempenho do educador e os caminhos que o processo vem percorrendo.
Planejamento	É um procedimento delimitado somente pelo educador, não havendo interações entre as partes.	É um movimento com fases, ou seja, planeja-se em cima daquilo que se observa no dia-a-dia, em conjunto entre educador e educandos.



Mediação educacional	É feita através da transmissão do conhecimento que somente o professor detém.	É um processo aberto e dinâmico, no qual, não há espaços para uma aplicação de normas rígidas e autoritárias por parte do educador.
----------------------	---	---

Fonte: Baseado nos eixos educacionais defendidos por Madalena Freire (2008).

Para ver, não basta estar de olhos abertos, ver, na lógica do observar, significa olhar o outro e a si próprio, estar atento para que a partir das observações possa se buscar a sintonia e o acompanhamento do ritmo do outro. Esta atitude ajuda na tentativa de compreender os desejos e as necessidades dos educandos. É através deste olhar, que busca o conhecimento, que o educador também lança seus desejos (FREIRE, 2008).

Quando vemos e escutamos os alunos, conseguimos perceber o ponto de vista deles. Esta atitude torna mais fácil para o educador a tarefa de leitura de desejos e necessidades de seus educandos, por isso a importância de conhecermos muito bem cada sujeito envolvido no processo educativo. Sendo que, é por meio dos momentos de conversas entre o grupo formado por educador e educandos, que o professor apresenta as interpretações de suas observações (FREIRE, 2008). As observações feitas no dia-a-dia necessitam ser registradas, e é neste momento que aparece o segundo princípio da ciência da educação apresentada aqui, o registro, pois é por meio deste que deixamos nossa marca no mundo.

Segundo Freire (2008, p.55) “educador e educando, apropriam-se da história que vivem através do registro que dela vão fazendo e do pensamento crítico sobre ela”. Desta forma, é o registro dos acontecimentos diários que vai conduzir cada vez melhor a história do processo vivido entre eles. Os registros escritos dão condições para podermos voltar ao passado, para fazer reflexões, rever e revisar conteúdos, ou seja, para construirmos o presente e o futuro.

É dentro deste contexto, que aprender a registrar se torna um passo fundamental na construção da consciência pedagógica do treinador/educador, pois quando registramos guardamos fragmentos daquilo que foi significativo, desta forma, mantemos aquele sentimento vivo. Esta passa a ser uma das principais importâncias dos registros, pois tiramos os acontecimentos das nossas lembranças e colocamos em nossa memória, fazemos história, construindo nossa memória pessoal e coletiva.

Um treinador/educador que possui suas teorias em mãos consegue questionar e recriar outras teorias, é dentro deste sentido que a relação existente entre estudo e reflexão é capaz de possibilitar transformações, pois, não existe prática sem teoria, assim como não existe teoria que não tenha nascido da prática (FREIRE, 1996).

É a partir deste processo científico educacional, de observação, registro e reflexão cotidiana, que o treinador/educador apropria-se do que está pensando e fazendo, é assim que ele assume a condução de um processo de ensino rigoroso, disciplinado e comprometido em respeitar e a valorizar os desejos e as necessidades de seus educandos (atletas).

Neste sentido, a reflexão sobre seu fazer pedagógico é fundamental para que se faça melhor amanhã o que fez e pensou ontem e hoje, pois o registro reflexivo, que disciplina o pensamento, concretiza para o educador a prática do rever, (re) avaliar e (re) planejar as ações (FREIRE, 2008).

A avaliação aplicada pelo treinador/educador também pode ser vista como um momento em que não só o conteúdo aprendido vai ser testado, mas também, como o processo vem se construindo para o



atleta, ou seja, qual o nível de qualidade que este caminho de formação educativa vem percorrendo. A avaliação, portanto, deve propor-se a analisar como o conteúdo vem sendo ensinado aos atletas, ou seja, quais caminhos estão sendo percorridos, desta forma, avalia-se inclusive, o desempenho do treinador.

Para o atleta, este momento, deve servir não apenas como um instrumento de medição de conhecimentos, mas também, como um espaço para ele expor seus sentimentos frente ao processo educacional a que está submetido, revelando suas conquistas, suas dificuldades, seus desejos e necessidades de aprender.

Assim, é através de uma avaliação que se comprometa, também, em ouvir, que o treinador consegue saber como cada um está se sentindo em relação ao seu crescimento e suas dificuldades. É possível também interpretar como andam as relações que foram sendo construídas dentro do grupo. Esta forma de avaliar, onde se busca entender o processo educacional como um todo, aponta para os limites que o treinador/educador pode ir com suas intervenções, e é a partir deste conhecimento que ele prepara o seu planejamento de ensino.

Por tudo isso, que a avaliação deve ser um processo diário, o que não impede de fazê-la, também, em períodos previamente determinados, onde haja mais tempo para debater e criar reflexões a respeito de todas as questões que envolvem o processo de formação dos atletas.

Viu-se que da avaliação cotidiana nasce o planejamento, e este é um ato que instrumentaliza o aprendizado e prevê os desafios que serão propostos. É através de um planejamento rigoroso que se torna possível delimitar e organizar as intervenções adequadas (FREIRE, 2008). Desta forma, o desafio do treinador/educador é conhecer o que planeja e para quem o faz, ou seja, ele deve conhecer o conteúdo da matéria e o conteúdo dos sujeitos da aprendizagem.

Para tanto, o planejamento educacional exige uma ação bastante disciplinada e organizada. Mas, mesmo com toda esta rigorosidade, que a ciência educacional espera do treinador/educador, ainda há espaços para a famosa improvisação, pois esta é considerada uma ação pedagógica importante, desde que se tenha consciência e controle do que esta improvisando. Sendo assim, ter ações planejadas significa que o educador tem clareza em seus objetivos, sabendo com absoluta certeza o que espera alcançar em cada atividade proposta (FREIRE, 1997).

É através do planejamento, então, que se pensa o passado e o futuro para as ações do presente. Mas, para isto acontecer, é preciso entender que o planejamento é um processo com movimentos e fases. O primeiro movimento já nasce na avaliação e o segundo da compreensão de que o planejamento é composto por objetivos e conteúdos que buscam responder as seguintes perguntas: O que os educandos já sabem? O que eles ainda não conhecem? O que devemos ensinar? Por que ensinar tais conteúdos? Como ensinar? Quando ensinar? E onde ensinar? (FREIRE, 2008).

Acreditamos que a partir destas questões, é possível para os treinadores de futsal, construir uma mediação educacional⁶ em sua proposta de treinamentos, baseando-se em três ingredientes que são característicos do ensinar: as intervenções, os encaminhamentos e as devoluções⁷.

Este é um espiral que não tem fim, pois um treinador/educador que se comprometa em agir como um leitor da realidade, escritor de suas teorias e práticas, estudante-pesquisador, fazedor de ciência da educação e que se comprometa em mediar o processo de ensino fundamentado nestes três ingredientes, possivelmente, estará comprometido em reavaliar e replanear, junto de seus educandos, constantemente,

⁶ A mediação educacional é um processo aberto e dinâmico, onde não há espaços para uma aplicação de normas rígidas e autoritárias por parte do educador.

⁷ Ver Educador, educa a dor (Freire, 2008, p 86).



os caminhos educacionais que estão sendo percorridos por este grupo em formação. Desta forma, ele encaminha o processo formativo através da apropriação e da sistematização do seu saber pedagógico.

Frente a estas reflexões, pensamos que é possível apresentar ao leitor não uma “fórmula secreta” para a atuação profissional dos treinadores/educadores, mas sim, uma das possíveis maneiras de rompermos com o paradigma educacional cartesiano/mecanicista, que deixa de lado questões que, em nosso ponto de vista, são fundamentais para o ensino do futsal.

V. Considerações finais

Apresentamos reflexões em torno de temas que consideramos de grande relevância para as práticas de ensino dos esportes. E como o futsal é uma modalidade em que estamos envolvidos há alguns anos, direcionamos as discussões para este campo, mais especificamente para as categorias de base, mas acreditamos que as reflexões aqui expostas podem e devem ser levadas também para outros espaços pedagógicos.

Sendo assim, discutimos a respeito de duas formas consolidadas de se enxergar e interpretar este processo formativo: uma delas fundamenta-se na filosofia cartesiana/mecanicista, que ainda é dominante dentro da nossa cultura esportiva, já a outra, interpreta o ensino em sua totalidade e busca através da interação entre educador e educandos valorizar os sujeitos envolvidos neste processo de formação.

O primeiro citado fundamenta-se a partir da redução e da fragmentação das complexas variáveis que envolvem um projeto educacional, para, em seguida, organizá-las em ordens lógicas, através da interação entre seus componentes. Desta forma, a visão cartesiana propõe a seus atletas apenas uma pequena parcela das variáveis inerentes à aprendizagem, já que, se ensina os aspectos técnicos, táticos e físicos de maneira separada e descontextualizada da realidade do jogo. Além disso, deixa de lado os componentes das emoções, percepções e sentimentos, já que estes não podem ser medidos e quantificados.

Nesta perspectiva de aula/treinamento, o atleta, a partir de uma compreensão dualista existente na relação entre o corpo e a mente, é visto como uma máquina, e age apenas como um receptor das informações transmitidas pelo seu treinador. Esta concepção propõe ainda o ensino como um modelador e disciplinador do comportamento humano, onde as discussões e os debates são considerados desnecessários.

O treinador avalia as aprendizagens a partir de testes padronizados, e é através da medição e quantificação de erros e acertos que se analisa o desempenho dos sujeitos. Desta forma, o processo como um todo, ou seja, os porquês destes erros e acertos não são levados em consideração.

Os caminhos trilhados pelos processos de ensino-aprendizagem nesta abordagem pedagógica são repetitivos e exaustivos, já que os exercícios são descontextualizados da realidade do jogo e o atleta não entende o porquê de estar aprendendo determinados movimentos. O que resta a eles é procurar se adaptar as exigências que são impostas pelo treinador, sem questionamentos e reflexões pedagógicas.

Estas exigências, que muitas vezes são apenas de ordem técnicas e instrumentais, não proporcionam aos educandos uma real e total compreensão do que é o jogo, já que o treinador decompõe os exercícios complexos em unidades mais fáceis e mais simples, fora da realidade que será encontrada, acreditando que, ensinando-se primeiro as técnicas e depois as táticas, ele irá conseguir retirar o melhor desempenho de sua equipe. Mas, esta forma abstrata de ver o ensino acaba afetando as capacidades de



decisão, criatividade e variabilidade gestual dos alunos, que são muito importantes para um projeto de ensino que lida com atletas em constante formação.

E é dentro desta proposta que o treinador atua como um modelador e disciplinador do comportamento de seus atletas, isto se reforça pela lógica que a concepção cartesiana/meanicista defende, de que o bom professor será aquele que conseguir dominar com qualidade os aspectos técnicos do jogo, e para isto acontecer, ele pode possuir apenas uma experiência empírica do esporte, como por exemplo, ser um ex-atleta. Assim ele consegue transmitir a seus atletas, padronizações técnico-motoras que ele conhece.

Na segunda concepção de ensino citada, é através da compreensão do complexo esportivo como um todo e na valorização dos sujeitos envolvidos no processo educacional, que se busca superar a abordagem cartesiana/meanicista de ensino. Neste sentido, uma sessão de treinamento e um projeto de constante formação educativa, apresentam atividades que busquem a interrelação entre as diferentes qualidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas dos atletas. Isto acontece principalmente através de pequenos e grandes jogos, que são específicos e bastante próximos da realidade de jogo, buscando desta maneira facilitar o desenvolvimento da aprendizagem como um todo e de forma mais prazerosa para todos, pois aqueles exercícios exaustivos e de repetições idênticas, que olham apenas uma qualidade técnica por vez, e ainda de forma não específica à realidade de jogo, passam a ser ressignificados por esta concepção de ensino.

Mas, para que esta proposta didático-pedagógica ganhe forças, é preciso que a mediação educacional, que parte do treinador/educador, busque a compreensão e a leitura dos desejos e das necessidades de aprender de cada sujeito integrante do grupo de aprendizagem, ou seja, o treinador não deve promover o ensino somente daquilo que ele quer, é preciso saber o que o grupo deseja e necessita desenvolver.

Não basta apenas o treinador impor atividades para seus alunos, ele deve dialogar com o grupo a respeito da importância dos exercícios, e principalmente fazer com que todos entendam os objetivos a serem alcançados pela proposta, para que ao final de tudo, seja possível que todos possam refletir sobre os acontecimentos do treino. É neste sentido que o treinador deve atuar como um mediador do processo de ensino-aprendizagem, buscando promover os avanços desejados através de desafios a serem superados constantemente por seus atletas.

A partir destas reflexões, acreditamos que foi possível levantar uma série de problematizações a respeito de questões didático-pedagógicas para o ensino do futsal em categorias de base. O que resta agora é saber que tipo de projeto de formação que o treinador/educador irá escolher para subsidiar a sua prática de ensino, sendo um, ou outro, o fundamental é que ele saiba, realmente, como ele deve agir e que tipo de sujeito estará formando.

Referências:

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.



FREIRE, Madalena et al. **Avaliação e planejamento: instrumentos metodológicos II**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Madalena et al. **Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARGANTA, Júlio. *Para uma teoria de los Juegos Deportivos colectivos*. In: GRAÇA, A. e OLIVEIRA, J. (org.). O ensino dos jogos desportivos. 2ª ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GRECO, J. P. (1995). **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: aplicação no handebol**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, EUC, Campinas.

KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino & mudanças**. Ijuí: Unijui, 2001.

KUNZ, Elenor. **O esporte enquanto fator determinante na educação física**. contexto & educação, v. 15, n. JUL/SET, p. 63-73, 1989.

SCAGLIA, Alcides. Novas tendências em pedagogia do esporte: a abordagem **tradicional**. Disponível em: <[http://www.universidadedofutebol.com/Jornal/Colunas/3, 11171, NOVAS+TENDENCIAS+EM+PEDAGOGIA+DO+ESPORTE+A+ABORDAGEM+TRADICIONAL.aspx](http://www.universidadedofutebol.com/Jornal/Colunas/3,11171,NOVAS+TENDENCIAS+EM+PEDAGOGIA+DO+ESPORTE+A+ABORDAGEM+TRADICIONAL.aspx)>. Acesso em: 21 jun. 2010.

XVII Congresso brasileiro de Ciências do Esporte
GTT Treinamento esportivo – Comunicação Oral
E-mail: pcapelasc@gmail.com

Recurso tecnológico necessário: *office Powerpoint* e projetor (*data show*)